

Desempenho esportivo e construção da identidade na adolescência: uma leitura psicanalítica do eu e do ambiente

Sport performance and identity construction in adolescence: a psychoanalytic reading of the ego and the environment

Catarina Contes Tribst

Psicanalista clínica, Brasil.

PUBLICADO 20 DEZ 2024

Os registros de tramitação editorial dos volumes 1 a 3 estão incompletos em razão de mudança na direção da revista. As datas de recebimento, revisão e aceite deste artigo não puderam ser recuperadas e, por isso, não são informadas.

RESUMO

Este artigo examina, em chave psicanalítica, a participação do desempenho esportivo na construção da identidade e na organização do eu durante a adolescência. Parte-se da formulação freudiana do eu como instância mediadora e da tese eriksoniana da adolescência como crise de identidade para interrogar o que o campo esportivo oferece ao trabalho psíquico desse período: um conjunto regrado de experiências de ganho e perda, um grupo de pares, figuras de autoridade investidas como modelos identificatórios e um corpo convocado a desempenhar. Sustenta-se que o esporte não exerce efeito unívoco sobre a estruturação psíquica. Ele opera como ambiente sustentador e espaço potencial quando há quem acolha e dê forma à frustração; converte-se em dispositivo de alienação subjetiva quando o valor do adolescente passa a coincidir com seu rendimento. Entre esses dois destinos situam-se fenômenos descritos pela literatura clínica — a identidade esportiva exclusiva, a projeção parental de desejos não realizados, a competição precoce e a lógica do alto rendimento. Discute-se ainda o futebol como campo simbólico de pertencimento na cultura brasileira. Conclui-se que o fator decisivo não é a prática esportiva em si, mas a existência, em torno dela, de condições que sustentem o adolescente como sujeito e não apenas como executante.

Palavras-chave: adolescência; identidade; eu; esporte; psicanálise.

ABSTRACT

This article examines, from a psychoanalytic standpoint, the part played by sport performance in the construction of identity and the organisation of the ego during adolescence. Starting from the Freudian formulation of the ego as a mediating agency and from Erikson's thesis of adolescence as a crisis of identity, it asks what the sporting field offers to the psychic work of this period: a rule-governed set of experiences of gain and loss, a peer group, authority figures invested as identificatory models, and a body summoned to perform. It is argued that sport exerts no univocal effect on psychic structuring. It operates as a holding environment and potential space where someone is present to receive and give form to frustration; it becomes a device of subjective alienation where the adolescent's worth comes to coincide with his or her output. Between these two destinies lie phenomena described in the clinical literature: exclusive athletic identity, parental projection of unrealised wishes, early competition and the logic of high performance. Football is further discussed as a symbolic field of belonging in Brazilian culture. The decisive factor is not sporting practice itself but the conditions surrounding it.

Keywords: adolescence; identity; ego; sport; psychoanalysis.

1 Introdução

A adolescência impõe ao aparelho psíquico uma reorganização sem equivalente em outro momento do ciclo vital. O corpo se transforma em ritmo que a representação não acompanha; os laços de infância perdem a função de refe-

rência estável; e o sujeito vê-se obrigado a responder, com recursos ainda precários, à pergunta sobre quem é. A psicanálise descreveu esse período menos como etapa a ser superada do que como trabalho — de luto pelos objetos infantis, de reinvestimento narcísico e de ensaio de identidades novas (Aberastury; Knobel, 1981; Blos, 1998).

O campo esportivo oferece a esse trabalho condições bastante particulares. Reúne, num mesmo dispositivo, um corpo em exercício, uma regra que ordena o que pode e o que não pode ser feito, um grupo de pares, figuras de autoridade investidas como modelos e um sistema de medida que converte esforço em resultado público. Poucos espaços da vida adolescente concentram tantos vetores de identificação e tantas ocasiões de ganho e de perda em intervalo tão curto.

Essa concentração explica por que o esporte aparece, no discurso corrente, ora como escola de caráter, ora como máquina de adoecimento. Ambas as descrições falham pelo mesmo motivo: tratam a prática esportiva como causa suficiente de um efeito psíquico. O argumento aqui desenvolvido sustenta o contrário. O que decide o destino subjetivo da experiência esportiva não é a modalidade nem o nível competitivo, mas a qualidade do ambiente que a cerca — a presença ou a ausência de alguém capaz de receber, nomear e devolver elaborada a experiência que o adolescente vive e ainda não consegue pensar.

O objetivo é duplo: descrever as operações psíquicas que o campo esportivo mobiliza na adolescência, à luz da teoria do eu e da teoria das relações de objeto; e identificar as condições sob as quais essas operações favorecem a integração identitária ou produzem sofrimento. A discussão recorre ao contexto brasileiro em dois pontos — o lugar do futebol como campo simbólico de pertencimento e as particularidades da psicologia do esporte no país —, por entender que a questão identitária não se formula fora de uma cultura determinada.

2 Método

Trata-se de revisão narrativa de literatura, de natureza teórico-conceitual, voltada à articulação entre conceitos psicanalíticos e fenômenos descritos no campo da psicologia do esporte. Não há produção de dados primários nem pretensão de exaustividade bibliográfica; o que se busca é construir um argumento conceitualmente consistente a partir de fontes reconhecidas.

O corpus primário é constituído pelos textos em que os conceitos mobilizados recebem formulação sistemática: a

segunda tópica freudiana, com a definição do eu como instância mediadora (Freud, 1923) e a teoria do investimento narcísico (Freud, 1914); a elaboração de Anna Freud (2006) sobre as defesas do eu na adolescência; a teoria do amadurecimento e do ambiente sustentador em Winnicott (1983), com o conceito de espaço potencial (Winnicott, 1975); a função continente do pensamento em Bion (1991); e a formulação eriksoniana da crise de identidade (Erikson, 1976a, 1976b). A esses se somam a síntese conceitual de Laplanche e Pontalis (2001) e as descrições clínicas da adolescência de Aberastury e Knobel (1981) e Blos (1998). O corpus secundário reúne trabalhos sobre o atravessamento entre subjetividade e esporte: Anjos (2019), sobre o mal-estar na carreira de atletas profissionais; Rubio (2007), sobre a psicologia do esporte no Brasil; Koch (2016), sobre futebolização da juventude escolar; e Loevinger (1976), sobre estágios de desenvolvimento do eu.

O critério de inclusão foi a existência de tratamento conceitual explícito do fenômeno — não sua mera menção ilustrativa — em obra de referência, periódico com revisão por pares ou tese defendida em programa reconhecido. Excluíram-se materiais de divulgação, conteúdo audiovisual sem registro escrito correspondente e trabalhos cuja referência à psicanálise se limitasse ao empréstimo de vocabulário. O procedimento consistiu em, para cada eixo conceitual, reconstituir a formulação de origem, identificar sua expressão no campo esportivo adolescente e examinar o que ocorre quando a condição que o conceito nomeia está ausente.

3 O eu adolescente e a tarefa identitária

3.1 Uma instância em reorganização

Freud (1923) define o eu como instância que medeia entre as exigências pulsionais, os imperativos do supereu e as condições impostas pela realidade. A definição é funcional, não substancial: o eu não é uma coisa, mas um conjunto de operações cuja eficácia varia. Na adolescência, essas operações sofrem sobrecarga simultânea em todas as frentes. A maturação altera a intensidade das exigências pulsionais; a revisão das identificações parentais desestabiliza o supereu, ora severo, ora inoperante; e a realidade social amplia bruscamente suas demandas de desempenho e de posicionamento.

Anna Freud (2006) descreve o efeito dessa sobrecarga como mobilização defensiva intensa e por vezes desordenada, em que recursos como o ascetismo e a intelectuali-

zação servem menos à proteção do sujeito do que à tentativa de controlar um aparelho momentaneamente excedido. Daí a oscilação característica do período, entre onipotência e colapso, que não indica patologia em si, mas o estado de um sistema trabalhando no limite.

Essa mediação tem no corpo seu ponto mais exposto. A transformação puberal antecede a representação, e o adolescente habita por algum tempo um corpo que ainda não é seu em termos de imagem. A formulação lacaniana do estádio do espelho (Lacan, 1998) é útil aqui menos como descrição de um momento cronológico do que como indicação de que a unidade do eu é conquistada por via de uma imagem exterior, e é por isso estruturalmente dependente do olhar do outro. O campo esportivo oferece justamente isso: uma imagem de si em exercício, visível, comentada, medida. É o que o torna tão potente e tão arriscado.

3.2 Seis traços do eu em formação

A observação clínica permite isolar traços recorrentes do funcionamento do eu nesse período, cada um com expressão reconhecível no campo esportivo. O primeiro é a *fleixibilidade acompanhada de instabilidade*: o eu adolescente ensaia posições sucessivas, e a mesma plasticidade que permite experimentar impede, por ora, a consolidação. A escolha e o abandono de modalidades participam desse ensaio e não devem ser lidos de imediato como inconstância.

O segundo é a *busca de coesão e de sentido* — esforço de integrar experiências dispersas numa narrativa que sustente a continuidade de si. É o traço de maior consequência, pois dele depende a possibilidade de o sujeito reconhecer-se o mesmo através de estados afetivos contraditórios. Sua falha produz a fragmentação descrita por Erikson (1976b) como confusão de papéis.

O terceiro é a *vulnerabilidade à crítica e ao fracasso*. Um eu não consolidado dispõe de pouca margem entre o juízo recebido e o juízo sobre si: a avaliação externa não é filtrada, é incorporada. No esporte, onde a avaliação é constante, pública e frequentemente numérica, essa vulnerabilidade opera em regime contínuo. O quarto, seu correlato, é a *dependência de validação externa*: Freud (1914) situa na economia narcísica a necessidade de que o investimento venha de fora quando o sujeito ainda não dispõe de reservas para sustentá-lo. A adolescência reedita essa dependência, e o grupo de pares assume a função que antes cabia às figuras parentais.

O quinto é a *abertura à identificação e à formação de ideais*. O adolescente adota modelos com intensidade que o adulto raramente reencontra. Treinadores e atletas de referência ocupam esse lugar com facilidade, o que confere ao campo esportivo peso identificatório desproporcional ao tempo nele investido.

O sexto é o *potencial criativo e de ressignificação*: a capacidade, que se instala progressivamente, de retomar experiências anteriores e atribuir-lhes sentido novo. É o que permite que uma derrota deixe de ser puro acontecimento penoso e se torne elemento de uma história. Nele se apoia tudo o que se pode esperar do esporte em termos formativos — e é também o que menos ocorre espontaneamente, por depender de condições que a próxima seção examina.

4 O esporte como ambiente: sustentação, espaço potencial e continência

A teoria winnicottiana do amadurecimento (Winnicott, 1983) desloca o eixo da explicação do interior do sujeito para a relação entre sujeito e ambiente. O amadurecimento não é maturação espontânea de um potencial, mas processo que ocorre, ou não, conforme o ambiente ofereça sustentação suficiente: presença confiável, previsibilidade e capacidade de absorver a agressividade sem retaliar.

Lido nesses termos, o ambiente esportivo possui atributos notáveis: a regularidade do treino fornece ritmo; a regra, limite não arbitrário; o grupo, testemunha. Uma regra que vale igualmente para todos e que não é a vontade de um adulto é, para o adolescente, experiência de ordenação simbólica de considerável valor, porque permite submeter-se sem submeter-se a alguém.

O conceito de espaço potencial (Winnicott, 1975) acrescenta precisão a essa descrição. A área intermediária entre realidade interna e realidade externa compartilhada é aquela em que a experiência pode ser ao mesmo tempo real e *como se*. O jogo tem exatamente essa estrutura: a derrota é real enquanto se joga e não o é fora dali. Nessa ambiguidade protegida torna-se possível experimentar perda, agressividade e rivalidade em dose suportável. O esporte funciona como espaço potencial quando preserva essa dupla inscrição, e deixa de funcionar quando o resultado passa a ter consequências que extravasam o campo.

Falta um terceiro elemento: sustentação e espaço não bastam se a experiência vivida não encontra quem a transforme. Bion (1991) descreve essa operação como função de continência — o estado emocional bruto, intolerável para quem o vive, é acolhido por outro, que o processa e o res-

titui em forma pensável. O adolescente que perde uma competição decisiva experimenta algo que, na hora, não é pensamento, é desorganização. Se há um treinador, um familiar ou um clínico que receba isso sem minimizar e sem

amplificar, a experiência se torna representável. Se não há, tende a fixar-se como marca e a repetir-se em cada situação que a evoque.

EIXO	FORMULAÇÃO	EXPRESSÃO NO CAMPO ESPORTIVO	EFEITO DA AUSÊNCIA
Sustentação	Ambiente confiável que sustenta o amadurecimento (Winnicott, 1983)	Regularidade do treino, regra impessoal, grupo estável	Submissão a vontade arbitrária; ambiente vivido como imprevisível
Espaço potencial	Área em que a experiência é real e como se (Winnicott, 1975)	Jogo como ensaio protegido de perda e rivalidade	Resultado extravasa o campo; derrota vale como juízo sobre o sujeito
Continência	Transformação do vivido bruto em conteúdo pensável (Bion, 1991)	Escuta que nomeia a frustração sem minimizá-la	Fixação da experiência como marca não elaborada
Identificação	Adoção de modelos e formação de ideais do eu (Freud, 1923)	Treinador e atleta de referência como figuras investidas	Ideal desmedido; distância entre eu e ideal vivida como falha
Crise identitária	Identidade versus confusão de papéis (Erikson, 1976b)	Ensaio de posições no grupo e na modalidade	Fechamento precoce da identidade numa única inscrição

Tabela 1 — Eixos conceituais mobilizados na leitura psicanalítica da experiência esportiva adolescente. A última coluna registra o efeito observável quando a condição nomeada pelo conceito não está presente no ambiente.

5 Quando o desempenho captura a identidade

5.1 A identidade esportiva exclusiva

Erikson (1976a, 1976b) descreve a adolescência como o momento em que a identidade se constitui por integração de identificações parciais. O desfecho desfavorável dessa crise não é apenas a confusão de papéis; é também seu oposto aparente, o fechamento precoce — a adesão a uma identidade única, assumida antes que o ensaio tenha ocorrido, e por isso rígida.

O meio esportivo favorece esse desfecho porque oferece ao adolescente uma inscrição imediatamente legível e socialmente reconhecida. Ser o atleta responde de uma vez à pergunta sobre quem se é, e responde com algo valorizado. O custo aparece quando a inscrição é posta em xeque: se a identidade se reduz ao rendimento, uma lesão, uma derrota ou um corte de equipe não são contratempos, mas supressão do que sustentava o sujeito. A reação depressiva que se segue ganha inteligibilidade na articulação freudiana entre perda de objeto e empobrecimento do eu (Freud, 1917) — o que se perdeu não foi uma posição, foi aquilo em que o eu estava investido.

Loevinger (1976) descreve estágios de desenvolvimento do eu que se distinguem pela complexidade com que o sujeito organiza sua experiência: os mais elaborados admitem ambivalência, pertencimentos múltiplos e descrição de si que não se esgota numa função. A identidade esportiva exclusiva é, nesse quadro, marca de organização pou-

co diferenciada, e não de comprometimento ou disciplina — distinção que o discurso do meio costuma não fazer.

5.2 Projeção parental

A iniciação esportiva mobiliza os pais em registro que raramente é neutro. Freud (1914) descreveu como o investimento narcísico se transfere ao filho, que passa a carregar a promessa de realizar o que a geração anterior não realizou. A operação é estrutural e não patológica em si; torna-se problemática quando o desejo projetado ocupa o lugar do desejo do adolescente em vez de abrir espaço para ele.

O indicador clínico dessa inversão não é a intensidade do envolvimento parental, mas sua condicionalidade. Pais que acompanham e se interessam constituem presença estruturante, e o vínculo construído em torno da prática compartilhada fortalece a confiança do adolescente em si. Pais cujo afeto oscila com o resultado transmitem, por via não verbal e portanto difícil de contestar, que o amor é devido ao desempenho. O adolescente que capta essa mensagem não dispõe de recursos para recusá-la: incorpora-a como critério de valor próprio, e a competição deixa de ser jogo para tornar-se prova permanente de merecimento.

5.3 Competição precoce e lógica do alto rendimento

A entrada precoce no circuito competitivo expõe o adolescente a comparação sistemática num momento em que o eu ainda não dispõe de margem para filtrá-la. O efeito não decorre da competição em si — rivalidade e disputa inte-

gram a vida psíquica desde a constelação fraterna —, mas da ausência de dispositivo que a elabore. Sem alguém que exerça a função continente descrita por Bion (1991), o excedente afetivo das situações de julgamento busca outras vias: inquietação persistente, perturbação do sono, queixas corporais sem correlato clínico, perda do prazer na prática.

Anjos (2019) descreve o mal-estar instalado na carreira esportiva profissional como efeito de uma lógica que exige superação, renúncia e sacrifício contínuos, em detrimento da escuta do próprio desejo. O atleta tende, nesse sistema, a reduzir-se à posição de executante, com perda de autonomia psíquica. Quando essa lógica incide sobre um sujeito ainda em constituição, o risco não é apenas o adoecimento: é a alienação subjetiva, a substituição da pergunta sobre quem se é pela pergunta sobre quanto se rende.

Um aspecto merece registro crítico. A cultura esportiva opera com um ideal de corpo que vem de longe — a perfeição corporal celebrada na Antiguidade e repostada pelo espetáculo contemporâneo — e que a adolescência recebe no momento em que a imagem do próprio corpo está menos estabilizada. Esse ideal não é inofensivo. Quando o corpo é apresentado ao adolescente como instrumento a ser otimizado, e não como lugar em que ele vive, a relação com os próprios limites, com a dor e com o cansaço deixa de ser informativa e passa a ser vivida como obstáculo a vencer. A clínica psicanalítica tem aqui função precisa: restituir ao corpo o estatuto de corpo próprio, interrompendo a equivalência entre valor pessoal e rendimento físico. A responsabilidade do atleta por seu corpo não se confunde com culpa por suas limitações — distinção cuja perda responde por boa parte do sofrimento observado no meio.

6 O futebol como campo simbólico na cultura brasileira

A questão identitária não se formula em abstrato. No Brasil, o futebol constitui o principal campo simbólico de pertencimento masculino juvenil, e a escolha da modalidade raramente é apenas escolha de uma prática: é posicionamento numa trama coletiva de identificações. Koch (2016) documenta, entre jovens do ensino médio, como o futebol estrutura reconhecimento e lugar no grupo para além do interesse pelo jogo, de modo que a adesão à modalidade pode anteceder e mesmo substituir a pergunta sobre a preferência própria.

Dois traços explicam essa potência. O primeiro é a contingência: diferentemente de esportes em que o resultado se correlaciona de modo mais direto com condições objetivas, o futebol admite a subversão do favorito, constituindo-se como campo onde a mudança de posição é concebível. Para adolescentes de origem popular, essa estrutura sustenta uma identificação cuja força não está no cálculo de probabilidade, mas no fato de que o improvável permanece pensável.

O segundo é a experiência de grupo. O futebol combina cooperação e disputa interna por posições numa mesma unidade, exigindo que o adolescente sustente ao mesmo tempo pertencimento e rivalidade — exercício de integração da ambivalência que é justamente o que o eu adolescente tem maior dificuldade em realizar.

Dunker (2015) adverte, contudo, que formas culturais de pertencimento podem funcionar como solução de compromisso para mal-estares de outra ordem, convertendo questões sociais em destino individual. A identificação com o futebol como via de ascensão é também promessa que a estrutura social não pode cumprir em escala — o que não a torna ilusória, mas exige que o clínico escute o que nela se investe sem aderir nem desqualificar.

Rubio (2007) situa a psicologia do esporte brasileira numa posição singular, marcada pela proximidade com a psicologia social e por demandas atravessadas por desigualdade, expectativa sociocultural elevada e intensa mediação dos meios de comunicação. Essa configuração reforça o argumento central deste artigo: a intervenção que se limita a otimizar rendimento opera sobre o sintoma e deixa intacta a estrutura que o produz.

7 Considerações finais

O percurso realizado sustenta três proposições.

A primeira é que o esporte não produz, por si, nem fortalecimento nem fragilização do eu adolescente. O que decide é a configuração do ambiente: sustentação confiável, um espaço em que o jogo permaneça jogo e alguém que exerça função continente sobre o que o adolescente vive e ainda não pensa. Essas condições são independentes do nível competitivo, e sua ausência não é compensada por nenhum ganho de rendimento.

A segunda é que o risco específico do campo esportivo para a adolescência é o fechamento identitário. A inscrição como atleta responde depressa e bem à pergunta sobre quem se é, e por isso pode interromper o ensaio de

posições de que a constituição da identidade depende. Reconhecê-lo não implica desencorajar o investimento na prática, mas preservar, ao lado dela, outros campos de pertencimento e outras descrições possíveis de si.

A terceira é que a contribuição da psicanálise a esse campo não consiste em acrescentar um recurso de preparação mental ao arsenal do rendimento. Consiste em introduzir, num sistema organizado em torno do resultado, a pergunta pelo desejo do sujeito — pergunta que o próprio sistema não formula e que, sem ela, a formação esportiva tende a produzir executantes competentes e sujeitos empobrecidos.

Permanece como agenda a investigação empírica dessas proposições em contexto brasileiro: o que a literatura clínica descreve com precisão conceitual carece de estudos longitudinais capazes de distinguir o que decorre da prática do que decorre das condições em que ela se dá. Enquanto esse trabalho não é feito, a prudência recomenda tratar cada caso como caso, resistindo tanto à celebração do esporte como formador universal de caráter quanto à sua condenação como dispositivo de adoecimento.

Declarações

Conflito de interesses. A autora declara não haver conflito de interesses.

Financiamento. A pesquisa não recebeu financiamento específico de agências públicas, comerciais ou sem fins lucrativos.

Uso de inteligência artificial. Não foi utilizada inteligência artificial generativa na concepção, na redação ou na análise do conteúdo deste artigo.

Disponibilidade de dados. Não se aplica: trata-se de revisão de literatura, sem produção de dados primários.

Nota editorial. Este artigo integra o acervo reorganizado dos volumes 1 a 3 da Interapia. O texto foi editorialmente adequado às normas vigentes da revista quanto a estrutura, registro e normalização de referências, sem alteração de tese, argumento ou atribuição de autoria.

Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ANJOS, F. M. dos. *Psicanálise e esporte*: o mal-estar na carreira de atletas profissionais. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

BION, W. R. *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BLOS, P. *Adolescência*: uma interpretação psicanalítica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DUNKER, C. I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.

ERIKSON, E. H. *Infância e sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976a.

ERIKSON, E. H. *Identidade, juventude e crise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976b.

FREUD, A. *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 77-108.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-80.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-148.

KOCH, R. *Identidades em construção*: um olhar sobre a futebolização da juventude no ensino médio. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOEVINGER, J. *Ego development*: conceptions and theories. San Francisco: Jossey-Bass, 1976.

RUBIO, K. Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2007.

WINNICOTT, D. W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. *O ambiente e os processos de maturação*: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

COMO CITAR

TRIBST, C. C. Desempenho esportivo e construção da identidade na adolescência: uma leitura psicanalítica do eu e do ambiente. *Interapia — Revista de Clínica, Cultura e Ciências Mentais*, v. 2, n. 1, p. 5-11, 2024.

LICENÇA

Publicado em acesso aberto sob licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional. O autor mantém os direitos sobre a obra e concede à revista o direito de primeira publicação.